

**A expressividade léxica no programa Zorra Total:
a ambiguidade no quadro “umbelinda” como estratégia de crítica social**

*The lexical expressiveness in Zorra Total program :
the ambiguity in the "umbelinda" as social critic strategy*

Rondinele Aparecido RIBEIRO¹

Resumo

O presente artigo encara o texto midiático como uma forma promissora de nutrição do imaginário social. Assim, não se trata de um mero entretenimento inocente como sustenta Kellner (2001). Como o homem se constitui pela linguagem, este artigo objetiva mostrar como o Programa “Zorra Total” faz uso da linguagem como forma de crítica social. O arcabouço metodológico empregado foi a Estilística justamente para enfatizar a importância do léxico para a expressividade do enunciado. Acredita-se que esse trabalho investigativo em um programa televisivo é de suma importância para o meio acadêmico, haja vista que o imaginário da sociedade contemporânea é construído pela linguagem audiovisual.

Palavras-chave: Mídias. Léxico. Ambiguidade. Estilística.

Abstract

This article sees the textbook as a promising form of social imagination nutrition. Thus, it is not a mere innocent entertainment as maintained Kellner (2001). As man is constituted by language, this article aims to show how the program “Zorra Total” uses of language as a form of social criticism. The employee methodological framework was the Stylistics just to emphasize the importance of the lexicon to the expressiveness of the statement. It is believed that this investigative work in a television program is of paramount importance to the academic community, considering that the imagery of contemporary society is built by audiovisual language.

Keywords: Media. Lexicon. Ambiguity. Stylistic.

¹ Especialização em Cultura, Literatura Brasileira e Língua Portuguesa e Licenciatura em Letras/Literatura pela UENP (2011). Professor da Faculdade do Norte Pioneiro – FANORPI/UNIESP. Membro do GP Cultura Popular e Tradição Oral: Vertentes (UNESP-ASSIS).
E-mail: ribeirorondinele@gmail.com

Introdução

O homem se constitui pela linguagem, uma vez ela permite à humanidade expressar suas intenções e sentimentos. Por meio dela, o homem insere-se socialmente e se constrói simbolicamente. Também, é por fazer uso de tal prática, que o homem representa o mundo bem como interage num amplo processo de negociação e compartilhamento de informações. Paralela a essa constatação, destaca-se a importância que as mídias ocupam na sociedade, fornecendo um vasto material linguístico ligado a lutas bem como a conquistas. Por esse motivo, o conjunto de textos propagados pela cultura de mídia não deve ser analisado de maneira ingênua, haja vista se constituir por meio da linguagem e remontar, portanto, a uma intencionalidade do falante.

Pode-se dizer que a linguagem corresponde ao espaço ideal de interação entre o homem e o universo no qual está inserido. Assim, ao conceituar linguagem, passa-se pela definição de Bakhtin que sustenta a tese de que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (BAKHTIN, 2003, p. 261).

Uma constatação facilmente identificada acerca do atual estágio experimentado pela sociedade é que se trata de uma sociedade de mudanças rápidas. Assim, destacam-se as profundas alterações no contexto histórico dos últimos séculos, que foi marcado amplamente por grandes descobertas e invenções responsáveis por alterar o devir humano.

Nesse processo evolutivo movido pelo viés cientificista, percebe-se que a grande alteração remonta-se ao meio privilegiado para propagar informações. Note-se que o papel deixou de ser o suporte mais empregado na tarefa de veicular e de propagar ideias de um lugar para outro. Assim, a humanidade assistiu à ascensão da era midiática marcada pela quebra do peso da escrita, uma vez que, por meio dos aparelhos de comunicação, permitiu-se que as informações fossem difundidas mais rapidamente. Com isso, é perfeitamente possível concluir que se está imerso a mídias audiovisuais, que tanto seduzem devido às potencialidades comunicativas de associar sons e imagens.

Dessa forma, o presente artigo, emprega como arcabouço metodológico a Estilística para enfatizar a importância do léxico para a expressividade do enunciado. Como o imaginário da sociedade contemporânea é construído pela linguagem

audiovisual, acredita-se que esse trabalho investigativo em um programa televisivo é de suma importância, sobretudo, pela dimensão que as mídias ocupam ao tratar de temas extremamente cotidianos.

1 Teorizações acerca da linguagem

Para balizarmos questões ligadas à linguagem, é oportuno recuperarmos as postulações do filósofo Aristóteles. Em sua obra denominada *Política*, o filósofo afirma que o homem é um animal político dotado de características sociais e cívicas, uma vez que somente o homem apresenta a capacidade de se comunicar empregando linguagem. Assim, para o pensador, os animais empregam a voz (phone). Por meio dela, são capazes de experimentar a dor e o prazer. Como o homem domina a palavra, a qual é designada pelos gregos de logos, pode-se dizer que, por meio dela, é possível representar o bom e mau bem como o justo e o injusto. Dessa forma, a linguagem possibilita a expressão de valores da vida social.

O filósofo Rousseau, postulando acerca da linguagem no capítulo do livro *Ensaio sobre a origem das linguagens* assevera que ela é o fator distintivo dos homens e dos animais. Para o filósofo, a linguagem apresenta a propriedade de distinguir as nações entre si. Dessa forma, estabelecendo-se um conceito, pode-se dizer que “a linguagem é uma forma humana de comunicação, da relação com o mundo e com os outros, da vida social e política, do pensamento e das artes” (CHAUÍ, 2000, p.173).

Pode-se dizer que, por meio da linguagem, é possível o registro bem como a circulação de informações na sociedade. É por meio dela que o homem se constrói simbolicamente. Por meio dela, é permitido aos homens expressarem suas intenções, sentimentos. Também, por meio dela, o homem representa o mundo bem como interage num amplo processo de negociação e compartilhamento de informações. Ademais, é lícito afirmar que, empregando a linguagem, o homem constrói seu processo de interação e representa seu dever. Nas palavras de Marilena Chauí (2000, p.177), “a linguagem é um sistema de signos ou sinais usados para indicar coisas, para a comunicação entre pessoas e para a expressão de ideias, valores e sentimentos”.

2 A televisão no Brasil: alguns apontamentos

Dentre as várias invenções humanas empregadas com o intuito do homem se comunicar, podem ser citadas: o telégrafo, o telefone, a fotografia, o cinema, o rádio e a televisão. Chama-se atenção o fato de figurar nas várias invenções o prefixo “tele”. De origem grega, esse prefixo significa “a distância”, de “longe”. Assim, numa leitura, empregando o elemento mórfico, compreende-se que o telégrafo é um aparelho que possibilita a transmissão de sinais gráficos a distância; o telefone é um aparelho que possibilita a transmissão de fonemas a distância. Por fim, a televisão trata-se de um aparelho que possibilita a transmissão e a visualização de imagens a distância.

No país, a televisão foi implantada idealizada em 1950 por Francisco de Assis Chateaubriand. Para Rocco (1994), esse invento configura-se ao lado do computador como o mais importante do século XX. Pode-se dizer que a televisão é o reflexo de profundas alterações na sociedade e se notabiliza por definir novas formas de organização social. Muito se discutiu e se postulou acerca da televisão em seu início. Fruto de admiração por alguns e ódio por outros grupos, ela foi encarada como um grande paradoxo. Nesse sentido, Eco (1970) aponta que essa divisão radical é polarizada por dois grupos: os integrados e os apocalípticos. Estes trataram de condená-la. Já aqueles, trataram de exaltar o veículo. Nas palavras de Rocco:

Resultam de tais posições certos conceitos e preconceitos a respeito de TV, que precisam ser examinados com cautela. De forma geral, questiona-se muito a TV, exaltando-a ou sobre ela lançando "culpas" as mais diversas e das mais diferentes naturezas. Televisão passa então a ser ou o remédio para todos os males ou o agente responsável pelos mais variados e sérios problemas, sejam eles de natureza social, cultural, psicológica e mesmo pedagógica.

O espaço de representação da TV hoje, os papéis que desempenha ou que lhe são atribuídos demonstram fartamente que o veículo se tornou parte integrante, se não integradora, do cotidiano de todas as pessoas em praticamente todo o mundo (ROCCO, 1994, p. 55).

A partir dos postulados de Rocco, entende-se ser a televisão o veículo comunicativo mais presente na sociedade. Esse produto, é responsável por definir valores, ditar modas e agregar valores. Portanto, é lícito afirmar que seus produtos não

se tratam de um mero entretenimento, uma vez que molda, representa e define identidades. Ademais, a televisão é “companheira das nossas solidões, testemunha de nossa vida cotidiana, memória do tempo imóvel” (WOLTON, 1996, p. 11). Ainda para o autor: “A televisão é um objeto de conversação. Falamos entre nós e depois fora de casa. Nisso é que ela é um laço social indispensável numa sociedade onde os indivíduos ficam frequentemente isolados e, às vezes, solitários (WOLTON, 1996, p.16)”.

3 Alguns apontamentos sobre os estudos midiáticos

Roger Silverstone (2002) postula que é impossível escapar à presença, à representação da mídia. O homem criou uma profunda dependência desse formato e já se torna quase impossível viver sem elas. Para o teórico, “nossa mídia é onipresente, diária, uma dimensão essencial de nossa experiência contemporânea” (SILVERSTONE, 2002, p.12). O autor sustenta que passamos, na atualidade, a um estágio de dependência da mídia para fins de entretenimento e informação. Nesse processo, destaca-se a implantação da televisão no Brasil, veículo de informação mais influente do país por estar presente na quase totalidade dos lares brasileiros.

A maneira como os estudiosos encaram a evolução das mídias passou por inúmeras transformações. Assim, é bastante oportuno tecer considerações acerca dos postulados da Teoria Crítica da Sociedade ou Escola de Frankfurt. Para esse grupo, a busca por conhecimentos deveria pautar-se o objetivo precípua de encontrar conhecimentos que pudessem ao mesmo tempo compreender e transformar as relações em sociedade. O grande ideal do grupo era construir uma sociedade composta por indivíduos livres e emancipados. Assim, os teóricos acabam encarando o modelo de sociedade proposto pelo capitalismo como perverso, uma vez que não possibilita que os indivíduos se tornem emancipados.

O grupo empreendeu uma diversa série de postulados para entender como os conceitos de poder e de controle se manifestavam nas relações sociais. As fundamentações teóricas advindas de Theodor Adorno e Max Horkheimer, que cunharam em 1947 o termo indústria cultural na obra *Dialética do Iluminismo*, são bastante carregadas de conotações, uma vez que as postulações dos teóricos centralizavam a discussão acerca do seguinte embasamento: a indústria cultural realiza

uma verdadeira manipulação na consciência dos indivíduos, sendo responsável pela aniquilação da autonomia dos indivíduos.

Como leciona Douglas Kellner (2001), o grande mérito dos postulados dos teóricos de Frankfurt reside no fato de ter sido a primeira corrente teórica a fornecer um modelo de análise para as mídias, que já faziam parte do cotidiano da sociedade.

Na atualidade, atribui-se grande importância aos estudos de mídia a partir das postulações de Stuart Hall. O autor propõe um modelo de codificação e decodificação do texto midiático. Vale complementar que o ponto de vista do autor reitera outros campos do saber, como o modelo recepcional, adotado nos estudos literários. O teórico investigou o recebimento e a interpretação do texto midiático pelo receptor. Assim, percebe-se que há uma rejeição para as postulações da Escola de Frankfurt, que encara as mídias como uma forma de rotular e eliminar a percepção real acerca do mundo.

John Thompson, sociólogo da Universidade de Cambridge, também pautou seus estudos de mídias na recepção e investigou como o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa afetam as formas de interação social, o que acaba produzindo novas formas de relacionamentos e de representações sociais. Tal fenômeno, na visão do autor, acaba gerando novas identidades e é responsável por reorganizar e reconstituir a interação.

Thompson, dessa forma, encara a recepção como uma apropriação cotidiana. Nas palavras do autor, “a recepção dos produtos da mídia é uma rotina, uma atividade prática que muitos indivíduos já integram como parte de suas vidas cotidianas” (THOMPSON, 1998, p.42). As ideias do teórico caminham no sentido de que as mensagens são recebidas por grupos e pelos indivíduos que estão imersos em contextos sociais e históricos específicos a partir de múltiplas identidades. Basta verificar que as produções também se dão nesse contexto.

Já para Martín-Barbero, a produção de sentido se dá por parte do receptor embasado em usos sociais. Assim, o autor sustenta que “o eixo dos debates deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para as pluralidades das matrizes culturais” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.258).

A partir dessas postulações, pode-se perceber, então, o quão importante se faz necessário estudar as mídias, sobretudo, se este trabalho como postula Silverstone

(2002) for pautado como dimensão social, cultural, política e econômica do mundo moderno. Nas palavras do autor:

Estudá-la como dimensão social e cultural, mas também política econômica, do mundo moderno. Estudar sua onipresença e sua complexidade. Estudá-la como algo que contribui para nossa variável capacidade de compreender o mundo, de produzir seus significados [...]

Pois a mídia é, se nada mais, cotidiana, uma presença constante em nossa vida diária, enquanto ligamos e desligamos, indo de um espaço, de uma conexão midiática, para outro. Do rádio para o jornal, para o telefone. Da televisão para o aparelho de som, para a Internet" (SILVERSTONE, 2002, p. 13- 20).

Em se tratando do suporte televisivo, constata-se que apresenta vários programas e formatos. Arlindo Machado (1998) divide os gêneros televisuais em sete. Para o autor são os seguintes: as formas fundadas no diálogo, as narrativas seriadas, o telejornal, as transmissões ao vivo, a poesia televisual, o videoclipe e outras formas musicais. A partir da exposição feita com base nos postulados de Machado, faremos agora uma análise do quadro “*Umbelinda*”, do humorístico *Zorra Total*.

4 O programa *Zorra Total*, o quadro *Umbelinda*: uma análise estilística

Recorremos às postulações acerca da mídia propostas por Douglas Kellner. O autor sustenta que “os produtos da mídia não são entretenimento inocente, mas têm cunho perfeitamente ideológico e vinculam-se à retórica, a lutas, a programas e ações políticas” (KELLNER, 2001, p.123). Dessa forma, interessa-nos agora tecer uma breve contextualização acerca do programa global “*Zorra total*” e como o quadro analisado consegue, por meio dos recursos expressivos linguísticos representar aspectos socioculturais do país.

O Programa *Zorra Total* é exibido pela Rede Globo desde 1999. De início, era levado ao ar às quintas-feiras para concorrer com o humorístico *Ô coitado*, exibido pelo canal concorrente SBT. Nesses anos todos em que está no ar, o programa sofreu várias alterações de formatos, ajustes de elenco e dia de exibição, uma vez que deixou de ser veiculado nas quintas-feiras para ser exibido aos sábados, tornando-se tornando líder de audiência.

Com a alteração de direção, a produção se popularizou, fazendo com que quadros considerados “elitistas” saíssem do ar dando lugar a personagens conhecidos do grande público, como o porteiro feito por Paulo Silvino. Em 2003, o programa ganhou as feições de um edifício, uma espécie de "homenagem" do diretor Maurício Sherman ao memorável programa *Balança Mas Não Cai*. Os dez anos de exibição do programa foram comemorados em 2009 com a produção de um especial com os melhores momentos do humorístico, posteriormente lançado em um DVD com três horas de duração. Em 2011, o programa alterou seu formato. Com a estreia do quadro *Metrô Zorra Brasil*, em que as personagens Valéria interpretada por Rodrigo Sant'Anna e Janete, interpretada por Thalita Carauta são as protagonistas.

No ano de 2013, estreou o quadro *Zorra City*, uma cidade fictícia onde acontece o encontro de várias personagens do programa, entretanto tal mudança não agradou ao público e mostrou que o programa estava com uma fórmula desgastada. Como estratégia para reverter a crise que se instaurou no programa, estreou um novo quadro em 2014 intitulado de *O Ônibus na Marginal Parada*. Nele, as ações transcorrem num ônibus lotado e preso no sufocante trânsito da cidade de São Paulo. Lá, a motorista Soninha e o cobrador Cleosvaldo se divertem com as diferentes histórias dos passageiros.

Contudo, a principal mudança no programa ocorreu a partir de junho de 2014. O diretor Maurício Sherman foi afastado do programa e a direção foi dada para Maurício Farias, que fez grandes alterações no formato. A primeira reformulação implementada foi o abandono do cenário fixo, o que possibilitou a criação de esquetes em que os personagens transitam pela cidade². Pode-se dizer que o programa passou a focalizar mais os temas da atualidade, principalmente, os de cunho político e social. Como representante dessa estratégia, tem-se a personagem “Umbelinda”, uma assistente social interpretada pela atriz Katiúscia Canoro, atriz conhecida no meio televisivo por criar personagens famosos, como a ex-prostituta “LadeKaty” e o cantor sertanejo “Beiradinha”. A personagem “Umbelina” é uma assistente conhecida pela ironia com que trata os pobres bem como pelos bordões “eu amo os pobres” e “você são gente quase como que nem a gente”.

² A segunda grande reformulação implementada em 2015 foi conferir ao programa uma nova concepção de humor que satiriza os comportamentos sociais.

Por questão metodológica, adotou-se a Estilística como pressuposto para embasar a análise da linguagem empreendida pelo episódio exibido no dia 18/10/2014. Interessa-nos, primeiramente, situar a importância dos estudos ligados à Estilística como forma ampla de promover o funcionamento da Língua Portuguesa. Para tanto, é necessário conceituar os termos “estilo” e “estilística”.

Etimologicamente, o termo “estilo” provém do latim “stilus”, sendo registrada pela primeira vez na língua ainda no século XIV. Seu significado estava relacionado a qualquer objeto em forma de haste pontiaguda, ponteiro de ferro, para escrever em tabuinhas enceradas. Percebe-se que de simples desagregação de instrumento empregado para escrever, o vocábulo passou a se relacionar com o significado de escrita e depois “a linguagem considerada em relação ao que ela tem de característico” (HENRIQUES, p.11). Por conseguinte, o termo sofreu ampliação de significação, passando a designar o conjunto de características e tendências na forma e na estética como traços distintivos ou qualificativos de uma obra, artista, escritor, ou, ainda determinado período ou movimento, ou mesmo, um objeto.

Como forma de exemplificar, podemos citar o substantivo “estilete”, derivado do vocábulo estilo. Dessa mesma palavra, deriva o substantivo “estilística”, “termo que se aplica a variados campos de estudo, inclusive aos estudos linguísticos e literários” (HENRIQUES, 2008, p.12). Assim, chega-se a um conceito de estilo. Para Henriques (2008, p.121), pode-se definir estilo como o modo pelo qual um indivíduo usa os recursos fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais, semânticos e discursivos da língua para expressar oralmente, ou por escrito, pensamentos, opiniões e sentimentos.

Embora se possa afirmar que as definições podem sofrer variações de acordo com a ênfase teórica a que se filia o analista, o surgimento da estilística, está atrelada à existência de uma conexão histórica e semântica com a Poética, a teoria Geral das obras literárias, e a Retórica, definida, grosso modo, como a teoria do discurso. Para Henriques (2008, p.13), a “estilística se baseia sobretudo em duas das três funções primordiais da linguagem apreendidas pelo alemão Kar Bukler: representação, expressão e apelo”.

Conforme postula Henrique (2008, p.13), “Estilística é a disciplina que estuda a língua nas suas funções expressiva e apelativa”. Como explica Melo (1976, p.16),

Charles Baly, o criador da Estilística, “pretendeu chamar a atenção para o lado afetivo do discurso”.

Nilce Santana Martins (1989) também contribui ao definir a Estilística como disciplina que trata da expressividade da língua, dos recursos expressivos sonoros, lexicais, sintático - semânticos e enunciativos, oferecidos por ela aos falantes-escritores para manifestarem estados emotivos e julgamentos de valor, de modo a suscitar em quem ouve ou lê uma reação, também de ordem afetiva.

Empregando postulados de Martins (1989), percebe-se que a estilística léxica ou da palavra trata dos aspectos expressivos das palavras ligados aos seus componentes semânticos e morfológicos. De acordo com a estudiosa, o léxico deve ser visto como o conjunto de palavras de uma língua que implica a divisão das palavras em lexicais e gramaticais. Nesse sentido, Martins explica que as palavras gramaticais, tais como morfemas, grafemas, palavras-formas, são pouco numerosas no sistema, mas constitutivas de altíssima frequência nos enunciados.

Na concepção da estudiosa, a significação de tais palavras apenas pode ser apreendida no contexto. Dessa forma, na visão da estudiosa, as palavras lexicais, que podem ser chamadas também chamadas de nocionais, reais, plenas etc., acabam despertando no receptor uma representação, mesmo que isoladas. Martins entende que nesse rol estão inclusos o substantivo, o adjetivo, os verbos de ação.

Nos postulados de Martins, as palavras apresentam tonalidades emotivas. Nesse sentido, a tonalidade afetiva de uma palavra pode ser inerente ao próprio significado dela, ou pode resultar do seu uso em um contexto tais como a entoação, recurso gráfico, aspas, grifos, entre outros. Dessa forma, é plausível que as palavras tenham significado afetivo e apresentarem um traço significativo de avaliação. Destaca-se aqui nesse conjunto de fatores afetivos a linguagem figurada entendida por Martins como os mais importantes. Assim, ao se empregar expressões que oferecem dupla interpretação, pode-se empregá-la de maneira intencional. Dessa forma, não se constituirá como um vício de linguagem, mas sim como uma expressão que se constitui como objeto afetivo repleto de intencionalidade.

Como se percebe, a grande preocupação da Estilística está voltada para o significado e como são mobilizados e manipulando de maneira geral a linguagem para proporcionar sentidos específicos. Tal disciplina, pode-se de dizer, leva em

consideração o contexto de produção e a intencionalidade do autor, para produzir um efeito específico na linguagem. Nas palavras de Henriques:

A ambiguidade ocorre quando há o duplo sentido. Isso significa que ela não mais é necessariamente um vício de linguagem, pois muitas vezes a usamos intencionalmente. Os textos de humor e de publicidade, por exemplo, lidam com a ambiguidade para atingir seus objetivos (HENRIQUES, 2009, p.176).

No programa veiculado no dia 18/10/2014, a personagem “Umbelinda” vai visitar um grupo de trabalhadores cortadores-de-cana. Como a personagem é uma assistente social, espera-se que ela esteja preocupada com as condições de trabalho da classe menos favorecida, mas tal fato não ocorre, sobretudo, pela maneira pouco engajada com a qual a assistente social analisa a situação. Um dos trabalhadores reclama explicitamente das condições de trabalho a que o grupo é submetido e ela diz para o trabalhador que se não estiver bom exercendo o ofício de cortador de cana, é melhor ele “plantar batata”. Na sequência, completa, explicando que o pobre está acostumado a isso, porque todo mundo praticamente manda alguém a plantar batata.

Em outro rompante de indignação, outro trabalhador implora para que ela ajude o grupo a ter melhores condições de trabalho, argumentando que se passa muito tempo na lavoura e são expostos diariamente a uma série de adversidades. “Dona Umbelinda”, então, sensibilizada com o pedido, entrega várias peneiras para o grupo, que se indigna, porque acreditaram que ela iria lhes entregar protetores solares. A assistente social explica o motivo da entrega: está fazendo jus ao dito popular, como pobre está acostumado a tapar o sol com a peneira, nada mais justo que entregá-las para eles.

Assim, vê-se que por meio das escolhas linguísticas, há uma intencionalidade no texto elaborado. Devido a expressividade do enunciado, que é constituída por meio da ambiguidade, é importante acrescentar que se cria uma verdadeira sátira da situação momentânea pela qual o país vem passando. Dessa forma, percebe-se o quão rico é o universo fabulatório fornecido pelos textos midiáticos.

Considerações finais

Os textos midiáticos são cada vez mais constitutivos da era pós-moderna, exercendo uma importância muito grande nesse cenário. Como bem define Douglas Kellner (2001), os textos midiáticos não se tratam de textos inocentes, pois estão ligados a contextos variados. Assim, o presente artigo buscou por meio da Estilística, ramo da linguagem que versa sobre os efeitos expressivos dos enunciados, uma forma de analisar como um programa televisivo consegue obter efeitos de criticidade empregando tais recursos provenientes da língua.

A linguagem é um espaço ideal de interação entre o homem e o universo, ela está carregada de uma série de conotações e ideologias. Dessa forma, o presente artigo, longe de esgotar a possibilidade de análise, valeu-se de um texto midiático, empregando como arcabouço metodológico a Estilística para enfatizar a importância do léxico para a expressividade do enunciado. Como o imaginário da sociedade contemporânea é construído pela linguagem audiovisual, acredita-se que esse trabalho investigativo em um programa televisivo é de suma importância, sobretudo, pela dimensão que as mídias ocupam ao tratar de temas extremamente cotidianos.

Referências

- ARISTÓTELES. **A política**. Traduzido por Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 2003.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 12 ed. São Paulo: Ática, 2000.
- HENRIQUES, C.Z. **Semântica e estilística**. Curitiba: IESDE, 2008.
- KELLNER, D. **A Cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.
- MACHADO, A. **A Televisão levada à sério**. São Paulo: SENAC, 2000.
- MARTINS, N.S. **Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa**. São Paulo: USP, 1989.
- MELO, G.C. **Ensaio de estilística da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

ROCCO, M.T.F. **Que pode a escola diante do fascínio da TV.** Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/c_ideias_09_053_a_062.pdf>. Acesso em 12/10/12.

ROUSSEAU, J. J. **Ensaio sobre a origem das línguas.** *In:* Obras J.J. Rousseau, vol. II. Tradução de Lourdes Santos Machado. Rio de Janeiro – Porto Alegre – São Paulo: Editora Globo, 1962.

THOMPSON, J.B. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Tradução de Carmem Griscietalli. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

WOLTON, D. **O elogio do grande público:** uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.